

III. Avivamentos bíblicos (1)

Em 1958, a missionária batista Rosalee Appleby, sediada em Belo Horizonte, MG, liderou um trabalho de oração e despertamento espiritual que ficou conhecido como *Renovação Espiritual*. Quando eu ainda era criança, D. Rosalee pregou na igreja do meu pai, em Campos, RJ, e ficou hospedada em nossa casa. Dado o meu interesse em livros devocionais e histórias de missionários, ela me ofertou, com dedicação, o livro *“História dos avivamentos religiosos”*, de William Allen. Por sua influência, muitas igrejas vivenciaram uma genuína e necessária *Renovação Espiritual*. Lamentavelmente, com o passar dos anos, a dita *Renovação* sofreu com emocionalismo exacerbado de alguns e com doutrinação equivocada.



Na década de 70, sob influência de líderes americanos, surgiram no Brasil as igrejas *neopentecostais*, que introduziram algumas doutrinas e práticas estranhas até mesmo para as antigas igrejas pentecostais. No Brasil, as mais conhecidas são: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Apostólica Fonte de Vida, Ministério Nova Jerusalém, Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, Ministério Internacional da Restauração e Sara Nossa Terra.

Nestas minhas pregações sobre Avivamento, não tenho a intenção e nem me cabe julgar e muito menos condenar genericamente estas igrejas. Muitos têm chegado ao conhecimento do Senhor Jesus por sua instrumentalidade. Lamento, entretanto, seus desvios doutrinários, seu sincretismo religioso, seu apelo ao emocional, suas promessas de prosperidade e milagres em troca de ofertas generosas. Algumas chegam a vender produtos ditos benzidos... Que não se confunda a empolgação crédula das multidões, em suas reuniões, com o avivamento bíblico.

Nas mensagens anteriores, vimos que avivamento, na Bíblia, é o despertar da fé, do amor e do serviço a Cristo. Descrevendo esta ação graciosa de Deus na vida dos crentes, em igrejas e cidades, a Bíblia usa diversas imagens, tais como:

- soprar sobre um braseiro que está se apagando e reacendê-lo;
- adubar e aguar uma planta murcha e fazê-la reviver e frutificar.

Há outras figuras que descrevem de maneiras diferentes esse despertamento espiritual. Nas cartas às igrejas da Ásia, nos primeiros capítulos do Apocalipse, o Senhor adverte uma igreja, que pensava ser rica, mas era pobre, a adquirir a verdadeira riqueza,

descritas ali como ouro refinado, roupas brancas e colírio para os olhos da alma. Uma outra igreja da Ásia é elogiada por seu zelo doutrinário e serviço, mas é censurada por ter perdido o seu primeiro amor. Recuperá-lo seria um avivamento!

Nesta presente mensagem, e nas próximas, vamos repassar a história bíblica, muito resumidamente, e destacar os períodos mais marcantes de crise e avivamento, observando as circunstâncias que tornaram os avivamentos necessários, os passos que os possibilitaram, a maneira como Deus os realizou e as bênçãos que os acompanharam. Veremos que a Bíblia tem um *padrão de avivamento*. Precisamos conhecê-lo e conduzir-nos por ele. O salmista orou: *“Vivifica-me, Senhor, segundo a tua Palavra”* (Sl 119.107).

1. Avivamento do Setitas

Nossos primeiros pais, Adão e Eva, como se sabe, foram criados sem pecado, portanto, sem necessidade alguma de avivamento. Desfrutavam perfeita comunhão com Deus. A certa altura, porém, eles desobedeceram a Deus e introduziram o pecado na história humana. Na genealogia que aparece em Gn 5, vemos que Adão *“teve filhos e filhas”*. Os dois primeiros foram Caim e Abel. Caim matou Abel, casou-se (obviamente com uma irmã) e gerou filhos e filhas. Seus descendentes, os Caimitas, foram igualmente violentos e ímpios (Gn 4.17-24). Parecia não haver mais esperança de vida melhor, segundo os planos de Deus. Mas, então, surge uma luz no meio das trevas: *“Adão teve relações com sua mulher novamente, e ela deu à luz outro filho. Chamou-o de Sete, pois disse: Deus me concedeu outro filho no lugar de Abel, a quem Caim matou. Quando Sete chegou à idade adulta, teve um filho e o chamou de Enos. Nessa época, as pessoas começaram a invocar o nome do Senhor”* (Gn 4.25-26).

A humanidade, ainda iniciante, estava enferma. Era um tempo de crise. Por essa razão, provavelmente, Sete, o terceiro filho de Adão e Eva mencionado por nome, deu ao seu filho o nome de Enos, que quer dizer “doentio”. Não foi porque a criança nasceu fraca e doente, pois Enos viveu 905 anos! (Gn 5.11). Os Setitas (descendentes de Sete), diferentemente dos Caimitas, buscavam o Senhor. Alguns deles viveram num estado de avivamento contínuo. Enoque, por ex., *“andou com Deus”* (Gn 5.24). Noé, que também andou com Deus, *“era justo e íntegro entre os seus contemporâneos”* (Gn 5.29; 6.9).

Para prejuízo da linhagem de Sete, alguns dos seus descendentes casaram-se com descendentes de Caim. Em consequência, veio um período de corrupção generalizada (Gn 6.1-5). Razão porque Deus anunciou o dilúvio (Gn 8.22ss). Noé, *“que proclamava a justiça”* (II Pe 2.5), advertiu seus contemporâneos do iminente castigo de Deus, caso não se arrependessem. Mas eles não lhe deram ouvidos e *“veio o dilúvio e os levou a todos”* (Mt 24.39; Gn 7). Juízo igualmente severo caiu sobre os *“extremamente perversos”* habitantes de Sodoma e Gomorra, e isto apesar da intrépida intercessão de Abraão a seu favor. Não foram encontrados nem sequer dez justos naquelas cidades (Gn 13.13; 18.20-19.29).

Estes fatos ilustram dramaticamente o que acontece aos pecadores que se recusam a invocar o nome do Senhor (seguindo o exemplo dos primeiros setitas), e viver em comunhão com o Senhor, fazendo sua vontade. Deus é longânimo e misericordioso,

mas é severo com os que não se arrependem de seus pecados (Rm 11.22). Em última análise, é avivamento ou catástrofe.

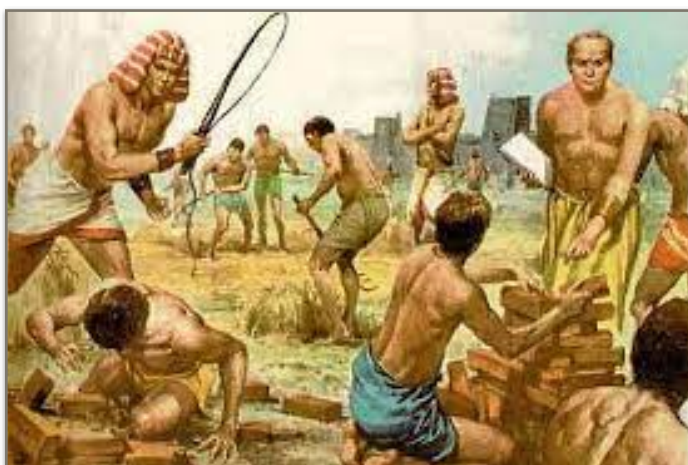
2. Israel no Egito: fogo quase apagando

Passaram-se muitos séculos. Noé, o Setita já mencionado, foi salvo do dilúvio juntamente com sua esposa, seus filhos Sem, Cam e Jafé e as esposas destes, oito pessoas ao todo. Recomeça a história... Mais à frente, a nova humanidade corrompe-se e rejeita o plano de Deus, o de possuir a terra e espalhar-se pelo globo. Liderados por um certo Ninrode, urbanizam-se e constroem ou tentam construir a torre de Babel. Deus lhes confunde a língua e os força à dispersão. Mas de um modo que os descendentes de Jafé (Jafetitas) vão para o norte, os descendentes de Sem (Semitas) ficam no centro, e os descendentes de Cam (Camitas) vão para o sul (Gn 10-11). Deus tinha seus planos...

Algum tempo mais tarde, Deus chama Abrão, um semita, promete abençoá-lo de modo que viesse a ser, ele e a sua descendência, uma bênção para todas as nações (os demais Semitas, os Jafetitas e os Camitas). Em outros termos, ele deveria ser um instrumento de avivamento.

Seguem-se as histórias de Isaque, Jacó e José, respectivamente filho, neto e bisneto de Abrão. José, ao contrário de seus irmãos, foi um *homem de Deus* e instrumento de salvação. Tornou-se governador do Egito. Ocorrendo um período de seca em toda a região, ele levou para o Egito seu pai Jacó, seus irmãos e respectivas famílias, setenta pessoas ao todo. Então, Jacó era Israel; no Egito, seus descendentes foram chamados de *hebreus*; depois, *Israelitas* (Gn 17-50).

Após a morte de José, nenhuma liderança de peso surgiu para orientar o povo de Deus. Israel contaminou-se com os ídolos do Egito e cometeu abominações aos olhos de Deus (Js 24.14; Ez 20.6-8). O Senhor os advertiu ordenando-lhes que se desfizessem dos ídolos e dos maus costumes que haviam aprendido com os seus vizinhos, mas eles não quiseram ouvi-lo. Então veio o castigo, a disciplina de Deus: “... *subiu ao poder no Egito um novo rei, que não sabia coisa alguma sobre José*” (Êx 1.8). Este Faraó inimigo fez amargar a vida de Israel no Egito com dura escravidão (Êx 1.13,14; At 7.18-19). Outra vez observamos que onde não se mantém acesa a chama do avivamento (do amor e da obediência a Deus), a disciplina do Senhor é inevitável, e as coisas ficam muito difíceis...



Moisés, líder de avivamento

O sofrimento de Israel no Egito durou 400 anos. Seus gemidos e lágrimas, por fim, transformaram-se em orações. *“Depois de muitos anos, o rei do Egito morreu. Os israelitas, porém, continuavam a gemer sob o peso da escravidão. Clamaram por socorro, e seu clamor subiu até Deus. Ele ouviu os gemidos e se lembrou da aliança que havia feito com Abraão, Isaque e Jacó. Olhou para os israelitas e percebeu sua necessidade”* (Êx 2.22-23).

Como geralmente acontece em tais circunstâncias, Deus levantou um novo líder para seu povo (Êx 3). Moisés foi o instrumento que Deus usou para tirar Israel do Egito e conduzi-lo através do deserto até quase chegarem à *Terra Prometida*. *“Israel viu o grande poder do Senhor contra os egípcios, encheu-se de temor diante dele e passou a confiar no Senhor e em seu servo Moisés”* (Êx 14.31. Ver 18.11).



Porém, no deserto, o trabalho tornou-se exaustivo para Moisés, pelo que, seguindo o conselho do sogro, ele *“escolheu homens capazes... e os nomeou líderes de grupos de mil, cem, cinquenta e dez pessoas”* (Êx 18.24-25). Algo como os nossos pastores auxiliares, presbíteros, diáconos e líderes de pequenos grupos... O cântico de Moisés em Ex 15 foi, por assim dizer, o hino oficial deste avivamento: *“Cantarei ao Senhor, pois triunfou gloriosamente... O Senhor é minha força e minha canção; ele é meu Salvador! É o meu Deus e eu o louvarei...”* (Êx 15.1-2).

Avivamento no Sinai

Porém, Israel não confiou no Senhor em todo o tempo. Houve períodos de fraqueza de fé, murmuração e até mesmo de idolatria. Moisés, em cada situação de pecado, orava e intercedia pelo povo. O Senhor foi misericordioso e perdoador com os arrependidos, e severo com os impenitentes.

No Monte Sinai, a meio caminho de Canaã, a Terra Prometida, Deus recordou ao povo o que lhes fizera no Êxodo, e lhes disse:

“Vocês viram o que fiz aos egípcios. Sabem como carreguei vocês sobre asas de águias e os trouxe para mim. Agora, se me obedecerem... serão meu tesouro especial dentre todos os povos da terra... Serão meu reino de sacerdotes, minha nação santa’... Moisés voltou do monte, convocou os líderes do povo e lhes comunicou tudo que o Senhor havia ordenado. Todo o povo respondeu a uma só voz: 'Faremos tudo que o Senhor ordenou!’” (Êx 19.4-8).

Na ocasião, Deus manifestou sua presença poderosa e santa com fumaça e chamas de fogo sobre o Monte Sinai (Êx 19.18). Então, o povo se purificou e se consagrou ao Senhor (vs.10 e14). Foi neste contexto de avivamento que Deus deu a Moisés os Deus Mandamentos e muitas outras leis (Êx 20).

Nesse avivamento, o do Sinai, veem-se os mesmos ingredientes já observados noutros avivamentos bíblicos, ou sejam:

- liderança espiritual
- visão da glória e da santidade de Deus
- renovação do compromisso de obedecer e servir a Deus
- purificação e consagração pessoal e comunitária

Deus promete abençoar-nos de modo especial sob essas condições. Repetindo:

“...Eu os trouxe para mim. Agora, se me obedecerem... serão meu tesouro especial dentre todos os povos da terra... Serão meu reino de sacerdotes, minha nação santa”.

O apóstolo Pedro, inspirado pelo Espírito Santo, aplicou estas palavras à Igreja, e escreveu:

“Vocês são povo escolhido, reino de sacerdotes, nação santa, propriedade exclusiva de Deus. Assim, vocês podem mostrar às pessoas como é admirável aquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz” (I Pe 2.9-10)

Nesta passagem, fica ainda mais claro que Deus nos faz seu povo, nos abençoa e aviva para que sejamos uma bênção para a sociedade no meio da qual vivemos, dizendo-lhes *"como é admirável aquele que nos chamou"* ou, como lemos noutra versão, proclamando a “virtudes” do Senhor. O avivamento da igreja estende-se à cidade e ao país!